



GT 066. Visualidades Indígenas

Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz (UFF) -
 Coordenador/a, Edgar Teodoro da Cunha (UNESP)
 - Coordenador/a

O GT visa reunir pesquisas recentes que analisem as produções audiovisuais feitas por povos indígenas ou sobre eles. O escopo das investigações a serem apresentadas deve agregar reflexões sobre as concepções de imagem do ponto de vista das cosmologias de distintos povos indígenas, mas também reflexões sobre a apropriação das técnicas de produção de imagens, análises de processos de socialização da linguagem do cinema e do vídeo por meio de oficinas e seus paradoxos e experiências correlatas. O objetivo das sessões será analisar as novas visualidades que se colocam para dentro e para fora dos grupos indígenas, o protagonismo dos jovens indígenas na produção de discursos audiovisuais a partir das lógicas culturais; relações entre imagem e xamanismo; circulação de pontos de vista indígena e sua recepção acadêmica, apropriação do audiovisual em processos de transmissão de conhecimento, seus limites e possibilidades. Os temas gerais que serão acolhidos no GT tratam de comunicação intercultural, relações entre imagem e política, questões de autoria, tecnologias nativas do tornar visível, jovens indígenas e apropriação das técnicas do vídeo, transmissão oral e o audiovisual.

Etnografia da tela (e fora da tela): decolonização da práxis cinematográfica e luta do Povo Mapuche no documentário de Jeannette Paillán

Autoria: Paula Manuella Silva de Santana

A discussão proposta aqui busca refletir sobre os caminhos para a decolonização da práxis cinematográfica a partir do filme documentário *¿Punalka, el alto Bio Bio?* (1995), da cineasta mapuche Jeannette Paillán. Para tanto, escolho uma abordagem teórico-metodológica que ressalte os diálogos entre uma etnografia da tela e de fora da tela. Neste sentido, articulo aquilo que Rial (2005) denominou de *“etnografia de tela”* com uma análise que entrecruza a crítica epistemológica dos estudos pós-coloniais e a etnografia de uma estadia em território Mapuche, em 2015. Alia-se também as ferramentas da crítica cinematográfica (iluminação, planos, trilha sonora, modos de apresentar as personagens e seus movimentos dentro do filme, as escolhas relativas à montagem e ao modo de narrar a história). *¿Punalka, el alto Bio Bio?* é lançado em 1995, expondo as fraturas das tensões pós-coloniais em contexto globalizado no Chile. A obra abre senda para uma meditação em torno dos fios soltos existentes entre a produção teórica (tanto sobre cinema originário, quanto sobre o contexto sócio-cultural pós-colonial), puramente acadêmica, e o que emerge dos movimentos sociais e que, posteriormente, se converte em teoria. Tem-se, assim, uma práxis cinematográfica fronteiriça, com o alargamento de quadros epistemológicos que deixam margem a empréstimos de saberes diversos e desestabiliza os modos de compreender o mundo sedimentados na academia. Embrenhar-se no universo do documentário de Paillán significa perpassar motivos narrativos como natureza, cultura material, rito, cosmologia e luta anticapitalista realçando aspectos importantes de uma autorrepresentação que vai na contramão das estereotípias da indústria cinematográfica e do cinema ocidental hegemônico. O cinema da autora enseja uma profunda tessitura que aproxima a diegese, o modo de narrar e de fazer cinema com as relações conflituosas com a sociedade não-indígena. Essa articulação torna presente, ainda que invisível, a figura do estado-nação, da qual o povo Mapuche faz e não faz parte, uma vez que são excluídos, silenciados e perseguidos no tocante ao acesso à direitos. Diante deste contexto tenso, é possível compreender o potencial decolonial de seu cinema, em termos de teoria e prática, uma vez que subverte o padrão de poder colonial em várias esferas. Em sua obra, Paillán abre portas e janelas para que espectadores (as), críticos (as), acadêmicos (as) e as próprias forças estatais possam adentrar no universo Mapuche e construir uma *“identificação cruzada”* (Shohat & Stam, 2006, p.452), isto é, dividir a crítica e a denúncia das lógicas de



dominação, assim como a responsabilidade de garantir representação.



Realização:



Apoio:



Organização:

